



Arquitetura Efêmera em Feiras e Exposições: Um laboratório de idéias.

Kleber Santos Carvalho – mestrando FAU/ USP (carvalhoks@uol.com.br)

Objetivos:

O presente artigo procura apresentar as construções efêmeras como modalidade de ação da arquitetura e seus profissionais, procurando ressaltar o seu papel no desenvolvimento da indústria e do comércio, sobretudo, do mercado de eventos.

Metodologia:

Os dados utilizados na elaboração desse trabalho constituem parte do que venho pesquisando para o meu mestrado em projeto de arquitetura voltado para o estudo da tipologia dos pavilhões de exposição. Assim sendo, foram utilizados visitas técnicas aos maiores pavilhões da cidade de São Paulo e feiras de negócios, além de pesquisa bibliográfica técnica específica da área e de assuntos correlatos, empreendida nos últimos 18 meses na pós-graduação, além de entrevistas com profissionais que atuam na cidade de São Paulo, buscando selecionar, analisar e inferir a partir disso as conclusões aqui apresentadas inerentes ao tema escolhido.

Arquitetura Efêmera em Feiras e Exposições: Um laboratório de idéias.

Construções efêmeras têm origem milenar, ligadas aos primeiros núcleos de assentamento humano: os nômades. Suas cabanas e tendas desmontáveis, de fácil transporte, permitiam deslocarem-se continuamente à procura de regiões com boa oferta de alimentos (BENEVOLO:1999). Hoje, dos sistemas estruturais metálicos pré-fabricados, utilizados em larga escala para a montagem de estandes nas feiras Internacionais de Negócios em todo o mundo, às pequenas edificações construídas com diversos materiais para um uso único e temporário, a arquitetura efêmera apresenta, além das suas necessidades programáticas, a possibilidade do experimento e inovação, permitindo com isso o desenvolvimento de novas técnicas, o uso de novos materiais e de teorias acerca da arquitetura.

Ao longo da história, podemos destacar um momento em que tais construções passaram a ser mais solicitadas e onde ganharam maior visibilidade e importância: As Exposições Industriais. Resultado do desenvolvimento tecnológico propiciado pela revolução industrial, liderada pela Inglaterra no século XIX, elas surgem com o propósito de divulgar as novidades e influenciar o cotidiano da sociedade através da oferta dos mais diversos objetos e máquinas, sobretudo, dos artigos de uso doméstico produzidos em massa, em substituição ao artesanal. Como objeto de desejo, encontra uma classe burguesa ávida por novidades e disposta a consumir, num momento econômico de prosperidade e expansão pelo qual viviam os ingleses. Na arquitetura, o ferro e o vidro encontraram espaço, aliados ao desenvolvimento de sistemas pré-fabricados, possibilitando a construção do que muitos consideram até hoje o marco da arquitetura pré-moderna: O Palácio de Cristal, projetado por Joseph Paxton e inaugurado na Exposição de Londres em 1851. Um imenso pavilhão com cerca de 560m de comprimento na nave maior e na nave transversal 285m, com 15m de largura e mais de 330m de altura na parte central da cobertura (figuras 1 e 2).

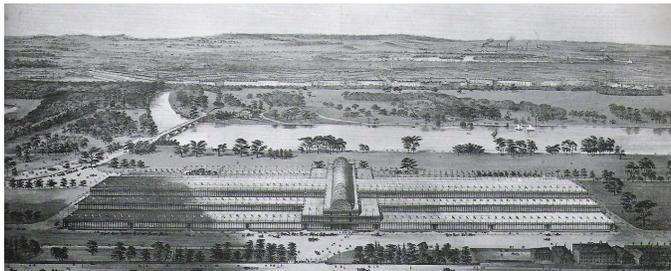


Figura 1: Vista aérea do Palácio de Cristal em 1851 (Revista Magesty:2007)

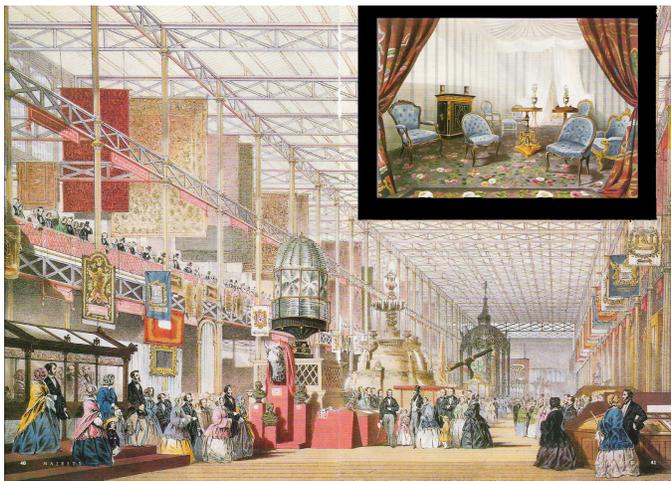


Figura 2: Vista do interior do Pavilhão na Exposição de 1851 (Revista Magesty:2007)

Concebido como construção temporária e seguindo a experiência do autor na construção de grandes estufas em propriedades rurais, apresentava planta em cruz e em seu eixo transversal, menor, um teto abobadado. Desmontado e remontado para a exposição de Londres em 1854, as duas naves foram montadas com teto abobadado. Todo construído (montado) com peças pré-fabricadas de ferro e revestido por placas de vidro, era a maior construção em ferro e vidro no mundo e a primeira do gênero, destinada a abrigar grandes exposições. Seu projeto abriu caminho para outras construções com mesma tecnologia e influenciou o projeto de outros pavilhões de mesma destinação, como o pavilhão projetado por Frédéric Le Play e Jean-Batiste Krantz para a Exposição de Paris, de 1867 (BARBUY:2006), o pavilhão das máquinas de Charles Dutert, Contamin e Pierron y Charton para a Exposição de Paris de 1889 (Figura 3), entre outros edifícios construídos pela Europa. A sua simplicidade formal e a possibilidade de desmonte e remonte, numa construção deste porte, era sem dúvida um “espetáculo da modernidade” (PESAVENTO:1997).



Figura 3: Interior do Pavilhão das Máquinas na Exposição de Paris em 1889: GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005, pág.34).

O seu interior, segmentado em diversas áreas destinadas a expor as maravilhas da indústria dos diversos países ali representados, tornou-se, como as demais exposições que se seguiram até as primeiras décadas do século XX, uma forma de balanço do avanço tecnológico e cultural de cada nação ali presente. Os objetos ali expostos assumem, em conjunto com a tecnologia empregada em sua confecção, o papel fetichista da mercadoria, induzindo a acumulação e como tal, foi alvo de estudos de pensadores, como Walter Benjamin, que descreveu muito bem as relações estabelecidas



entre sociedade, progresso tecnológico e as representações alegóricas destinadas a induzir o consumo. Ele afirmava que as Exposições Universais eram os lugares de peregrinação da mercadoria como fetiche (PESAVENTO:1997):

“A alegoria é, pois, a representação concreta de uma idéia abstrata, ou ainda o processo de exposição de um pensamento sob a forma figurada em que se representa algo para indicar outra coisa” (Flávio Kothe *in*: PESAVENTO:1997).

Das Exposições Universais do século XIX para as Exposições Industriais de âmbito nacional ou regional que se multiplicaram no século XX, os pavilhões e centros de exposições foram sendo cada vez mais implantados nos grandes centros. Com eles, uma atividade adquiriu consistência, tornando-se um dos mais importantes veículos de divulgação e comercialização de produtos: as Feiras Comerciais ou Feiras de Negócios. Embora essas, como atividades de comércio temporário e periódico, remontem à idade média, a exemplo das Feiras de Champagne (VARGAS:1993), somente com o advento da industrialização elas se tornaram mais presentes e em maior número.

Desde a Exposição de Paris de 1867, com os pequenos pavilhões de países construídos entorno do grande pavilhão central da exposição¹ onde o edifício em si, tinha a missão de representar uma nação, as possibilidades de ação dos arquitetos nas exposições ampliaram-se. Com a multiplicação das feiras e exposições, concentradas no interior de grandes pavilhões, onde são montadas pequenas construções, chamadas estandes, cuja etimologia² já evidencia o seu caráter de construção “ligeira”, de fácil construção, ou montagem, esses edifícios têm sido explorados desde as primeiras décadas do século XX, como forma de expor novas idéias e experimentação de uma nova proposta de arquitetura e guardam um estreito vínculo com a indústria e a comercialização de produtos (COLLI e PERRONE:2003).

A história da arquitetura, sobretudo a moderna, registra inúmeras edificações emblemáticas que foram concebidas como efêmeras e embora tenham sido desmontadas ou destruídas, são citadas até hoje como expoentes da arquitetura:

¹ *Bureau International des Expositions* (www.bie-paris.org)

² Estande: Do inglês *stand*, que quer dizer posição, parada, lugar, posto de venda e *to stand*, também inglês, que vem do latim *stāre*: estar em pé, em posição vertical, firme (HOUAISS:2001).

“O fato pouco comum de que edifícios tão pequenos e de tão curta vida tenham começado a fazer parte da iconografia da arquitetura moderna se deve ao mistério no qual sempre estiveram imersos, mistério este inerente às suas condições especiais de concepção: uma gestação curta, uma existência breve no tempo e um final súbito.” (PUENTES:2000).



Figura 4: Pavilhão “L’Esprit Nouveau”, de Le Corbusier: GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005, pág.227.



Figura 5: Interior do Pavilhão “L’Esprit Nouveau”, de Le Corbusier: GÖSSEL e LEUTHÄUSER:2005, pág.226.

Assim sendo, temos o Pavilhão de Vidro do Bruno Taut, de 1914, para uma exposição em Colônia, Alemanha, onde o edifício usa o discurso do vidro como material capaz de unir matéria e espírito. O Pavilhão L’Esprit Nouveau do Lê Corbusier e Pierre Jeanneret, de 1925 (Figuras 4 e 5), para a Exposição Internacional das Artes

Decorativas de Paris, onde apresenta boa parte de suas idéias sobre a casa como uma “célula habitável, uma máquina de morar”, rompendo com padrões estéticos e conceitos vigentes sobre habitação e divisão interna dos espaços, onde o tipo e a própria disposição do mobiliário definem os ambientes. Os móveis se convertem em equipamento e as soluções passam a ser de ordem funcional e não mais decorativas. Em 1929, Mies Van Der Rohe cria o Pavilhão Alemão para a Exposição Internacional de Barcelona, Espanha (anteriormente denominada Universal) e apresenta ao mundo um ideal de simplicidade, sofisticação e racionalismo, expresso em uma de suas frases mais emblemáticas: “Menos é mais”. Na Exposição de 1939, em Nova York, EUA, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa criaram o Pavilhão do Brasil e surpreendem o mundo com uma visão poética e menos rigorosa da arquitetura modernista inspirada nas idéias de Le Corbusier (Figuras 6 e 7). Analisando hoje esse projeto é possível identificar elementos arquitetônicos que foram marcantes e continuamente utilizados e aprimorados por Niemeyer em sua carreira, como o desenho livre da laje sobre pilotis, a rampa de acesso, grandes superfícies envidraçadas, elementos vazados e formas curvilíneas com características de movimento, inspiradas nas formas da natureza, segundo o próprio arquiteto.



Figura 6: Vista externa do Pavilhão do Brasil na Exposição de Nova York, em 1939, de Oscar Niemeyer: PUENTES:2000.Pág.94.

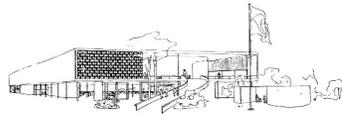


Figura 7: Interior do Pavilhão do Brasil em Nova ork, em 1939, de Oscar Niemeyer: PUENTES:2000.Pág.97.

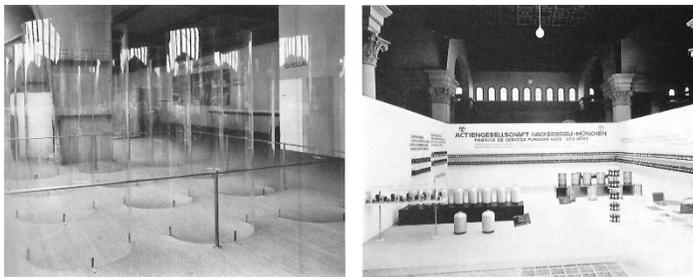
Assim como os arquitetos acima citados, muitos outros internacionalmente famosos e reconhecidos por suas idéias têm em seus portfólios, projetos de construções temporárias, sejam pavilhões, estandes ou mesmo edifícios-instalações Aldo Rossi, Walter Gropius, Renzo Piano, Carlo Scarpa, Alvar Aalto, Tadao Ando, Erich Mendelsohn e brasileiros como Paulo Mendes da Rocha, Rui Othake, Sergio Bernardes, Lina Bo Bardi³ entre outros, também produziram edifícios efêmeros de destaque e deles se utilizaram para demonstrar suas idéias acerca da arquitetura em si.

Muito dessa produção está ligada a uma cooperação mútua entre indústria e arquiteto e a origem dessa parceria têm início com a escola alemã Bauhaus, nas primeiras décadas do século XX, sendo os seus principais mentores: Walter Gropius e Mies Van Der Rohe na arquitetura em arquitetura e Lilly Reich e Joost Schmidt em design e publicidade, que na época surgiam como disciplinas autônomas. A produção em massa gerou uma urgência por parte da indústria em encontrar uma maneira de divulgar e distribuir de maneira mais eficiente e ampla seus produtos. Isso foi ao encontro da vanguarda arquitetônica alemã do período, que já investigava e elaborava novos conceitos de arquitetura e design. Ambos encontraram nas feiras industriais um modo de suprir essa demanda, onde a indústria financiava e fornecia o material necessário e os arquitetos e projetistas entravam com a pesquisa e experimentação.

³Arquiteta italiana radicada e naturalizada no Brasil, projetou estandes na Itália e no Brasil, além de exposições e mobiliário expositivo nos dois países.



Figuras 8 e 9, respectivamente: À esquerda foto aérea da exposição “Da Fibra ao Tecido”, em 1926, de Lilly Reich. À direita, salão principal da exposição “Die Wohnung”, em 1927, de Mies Van Der Rohe e Lilly Reich: COLLI e PERRONE: 2003. Pág.17.



Figuras 10 e 11, respectivamente: À esquerda, foto da seção de vidro na exposição “Deutsches Volk/ Deutsche Arbeit”, em 1934, de Mies Van Der Rohe e Lilly Reich. À direita, estande para a cervejaria Hackerbräu, na Exposição Internacional de Barcelona, em 1929, de Mies Van Der Rohe: COLLI e PERRONE:2003. Pág.19.

Em 1926 Lilly organizou a exposição “Da fibra ao Tecido” apresentada na Feira Internacional de Franckfurt, onde passou a centrar na matéria e no processo industrial a essência de sua instalação. No ano seguinte, em conjunto com Mies Van Der Rohe, encarregado do projeto geral do evento, montou em Stuttgart, Alemanha, a Exposição “Die Wohnung”. O projeto de Mies consistia em oito salas onde se expôs aparatos e instalações relacionadas ao ambiente doméstico. Várias paredes livres usadas como divisórias e suporte de painéis expositivos formavam os diversos ambientes e seccionavam o espaço em grupos de estandes, formando quadras e ruas de circulação, num desenho reticulado e rigoroso. Foi nessa exposição que Mies, em parceria com Lilly desenvolveu a famosa “casa de Vidro”, gênese do que seria desenvolvido e apresentado em 1929 no Pavilhão Alemão de Barcelona. A parceria com empresas como a Vitra e sob a aprovação da Associação Alemã de Manufatura de Vidro, permitiu

o aprimoramento do uso do vidro na arquitetura e para os fabricantes e comerciantes, a ampliação do seu mercado, além da divulgação do produto (COLLI e PERRONE:2003).

Outros modernos também utilizaram parcerias com empresas privadas como parceiras no desenvolvimento de suas idéias, como Walter Gropius e as empresas AEG (Pavilhão para AEG em 1908) e Deutz (Pavilhão de 1924), resultando em projetos de fábricas e exposição de suas idéias acerca de uma “estética da máquina” aplicada à arquitetura. Le Corbusier desenvolveu para a Nestlé, em 1928 um pavilhão onde utilizou de um recurso que remete à idade média ao expor no alto da fachada principal do edifício o produto ali comercializado (KOSTOF:1992) e fixou modelos ampliados de latas de leite condensado (Figura 12). A Olivetti, fabricante americana de máquinas de escrever se utilizou dos recursos oferecidos pela Bauhaus e em conjunto elaboraram um verdadeiro manual para participação da empresa em feiras e exposições.



Figura 12: Pavilhão Nestlé, em 1928, de Le Corbusier para exposição de Estocolmo em Paris: COLLI e PERRONE: 2003. Pág.20.

São muitos os exemplos de projetos concebidos segundo essa parceria empresas privadas e arquitetos durante a fase de desenvolvimento da arquitetura moderna. Nos Estados Unidos, encontrou um mercado em ascensão e impulsionou o surgimento de uma verdadeira indústria de eventos. Hoje essa indústria representa uma importante modalidade de divulgação e comercialização da produção e conta com uma verdadeira rede de feiras e exposições nas principais cidades do mundo⁴.

⁴ *The Global Association of Exhibition Industry* (www.ufinet.org)



No Brasil, a cidade de São Paulo concentra as maiores feiras comerciais e é hoje o maior pólo de eventos do país e da América Latina. Os dados impressionam⁵:

A capital sul-americana de feiras de negócios realiza 90 mil eventos por ano, que geram:

- Um evento a cada 6 minutos.
- Cerca de 500 mil empregos diretos e indiretos.
- 120 das 160 grandes feiras do Brasil.
- Uma feira de negócios a cada três dias.
- 75% do mercado brasileiro de feiras de negócios.
- R\$ 2,4 bilhões de receita ao ano.
- R\$ 700 milhões em locação de área para exposição.
- R\$ 700 milhões em serviços.
- Cerca de 600 mil m² para realização de eventos.
- Só o Anhembi tem em torno de 360 mil m².
- R\$ 8 bilhões em viagens, hospedagem e transporte terrestre e aéreo.
- Movimenta 29 mil empresas expositoras.
- Circulam pelos eventos 4,3 milhões de pessoas, entre profissionais e compradores, sendo 45 mil compradores estrangeiros.

Os projetos de estandes, sem o compromisso com a perenidade e com uma curta experiência de convivência do visitante com o espaço criado, aliada a necessidade de espetacularização e representatividade das empresas expositoras através da construção em si, favorecem a experimentação. Como tal, utiliza a inovação em sua arquitetura como representativo do pioneirismo e avanço tecnológico que seus produtos possuem ou pretendem passar como idéia.

“(…) não é somente a apresentação de técnicas novas ou laboratórios de inovação, ela é também representação. Ela participa da ostentação. Para que ela exponha, ela desvela/ se desvela, mas se quer também explicativa, pedagógica e mesmo didática” (Patrice Carre *in*: PESAVENTO:1997).

⁵ www.spcvb.com.br



Figura 13: Estande da Revista Blueprint de arquitetura, em 1995, de Zara Hadid: COLLI e PERRONE:2003. Pág.64.

Ainda hoje famosos arquitetos se utilizam disso como forma de publicidade de suas idéias, como a arquiteta Zara Hadid (Figura 13) e nos eventos patrocinado por instituições como a Serpentine Gallery de Londres, que constrói um pavilhão a cada ano, instalado num parque da cidade de Londres, próximo das instalações permanentes da instituição, convida um arquiteto de destaque para o projeto. Nesse empreendimento, na última década, já participaram nomes como Rem Koohas, Toio Ito, Álvaro Siza, Oscar Niemeyer entre outros. Anualmente, a cada verão londrino, o pavilhão serve como abrigo e fonte de lazer para os visitantes e oportunidade de divulgação dos princípios que regem a arquitetura de cada autor. No Brasil, arquitetos como Fernando Brandão têm conseguido divulgar suas idéias e a partir delas aplicar em construções permanentes, como no caso do estande Perdigão para a feira APAS e a recém inaugurada Livraria Cultura, no Conjunto Nacional, situado à avenida Paulista, em São Paulo, onde é possível identificar elementos comuns entre as duas construções (SERAPIÃO:2006).



Figura 14: Pavilhão Serpentine Gallery, em 2003, de Oscar Niemeyer: www.011.com/lud/pages/architecture/arcgallery/niemeyer_serpentine em 28/05/07 11:29.

Conclusão:

Em suma, a efemeridade nas construções não pode ser vista como demérito, elas cumprem um outro papel, o de laboratório de idéias, ao tempo que promove sua visibilidade a um público mais vasto e oferece à sociedade a oportunidade de experimentar sensações e vivenciar espaços que talvez, um dia, possam vir a ser comuns em muitas cidades. Para a indústria e o comércio serve como importante ferramenta e suporte de sua filosofia de trabalho como empresa e como mídia para os conceitos que seus produtos pretendem passar ao mercado consumidor. Vale pela resposta imediata ao tipo e qualidade de ambiente gerado e pela aproximação de um universo teórico-conceitual do projeto com um conhecimento empírico e vivenciado pela cultura local. Portanto, a arquitetura efêmera suscita maior atenção por parte dos arquitetos de modo a prover o mercado de feiras e exposições com soluções mais elaboradas, a exemplo do que era feito no início do século passado e à sociedade uma demonstração do que a arquitetura pode lhes oferecer como resposta às novas necessidades e demandas que o mundo atual apresenta.

Bibliografia:

- BARBUY, Heloisa. *A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitanismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Edusp, 2006.



- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de Consumo*. Lisboa-Portugal: Edições 70 Ltda., 2005).
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. Silvia Mazza. 3ª. Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.728p.
- COLLI, Stefano e PERRONE, Raffaella. *Espacio-identidad-empresa: arquitectura efímera y eventos corporativos*. Barcelona – Espanha: Gustavo Gili, 2003.144p.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução para o português de Estela dos Santos Abreu. 1ª. edição original de 1992 e 1ª. edição brasileira de 1997 - 8ª. reimpressão de 2006. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda.
- GÖSSEL, Peter e LEUTHÄUSER, Gabriele: *Arquitectura Del Siglo Xx*, volumen 1. Colônia – Alemanha: Taschen:2005. 287p.
- KOSTOF, Spiro: *The City Assembled: The elements of urban form through history*. Londres: Thames & Hudson, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX*. 1ª. Edição. São Paulo: Editora Hucitec Ltda, 1997. 231p.
- PUENTE, Moisés. *Pavilhões De Exposição: 100 Anos*. Tradução para o português de Elisabeth Ardións. Barcelona – Espanha: Editorial Gustavo Gili, SA, 2000. 190p.
- SERAPIÃO, Fernando. *Espaços Promocionais: Fernando Brandão*. São Paulo: C4 Cris Corrêa Consultoria Cultural, 2006.
- VARGAS, Heliana Comin. *Espaço Terciário*. São Paulo: Ed. Senac, 2001.
- VARGAS, Heliana Comin: *Comércio: Localização Estratégica ou Estratégia na Localização?* (Tese doutorado – FAU/USP). São Paulo, 1993.
- WALFORD, Cornelius. *FAIRS, Past And Present: A Chapter In The History Of Commerce*. EUA: Elliot Stock.